

A. 5. 0721

7

CORRESPONDENCIA

TROCADA ENTRE

O MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS
BRITANNICO

E

O EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS

COM RESPEITO Á

Execução de Miss Cavell
em Bruxellas.

LONDRES:
EYRE & SPOTTISWOODE, LIMITED.

1915

11021
0121

CORRESPONDENCIA

TROCADA ENTRE

O MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS
BRITANNICO

E

O EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS

COM RESPEITO Á

Execução de Miss Cavell
em Bruxellas.



LONDRES:
EYRE & SPOTTISWOODE, LIMITED.

1915

TABELLA DO CONTHEUDO.

No.	Para.	Data.	Assumpo.	Pagina.
1	Sir E. Grey a Mr. Page.	26 de Agos. 1915.	Rogando que se peça ao ministro dos Estados Unidos em Bruxellas para que indague sobre os boatos da prisão de Miss Cavell.	4
2	Sir E. Grey a Mr. Page.	22 de Set.	Pedindo resposta ao No. 1	4
3	Mr. Page a Sir E. Grey.	28 de Set.	Transmittindo carta do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, incluindo a resposta do Barão von der Lancken sobre as razões da prisão de Miss Cavell. Não se permite que seja visitada.	5
4	Mr. Page a Sir E. Grey.	13 de Out.	Informando sobre telegramma recebido do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, com a noticia da execução de Miss Cavell.	6
5	Mr. Page a Sir E. Grey.	15 de Out.	Transmittindo duas cartas do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, de 9 e 11 respectivamente, relatando em que pé se acha a causa.	7
6	Mr. Page a Sir E. Grey.	18 de Out.	Transmittindo despacho do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas incluindo copias de toda a correspondencia com as autoridades allemãs, bem como relatorios de Mr. Gibson e M. de Leval com referencia a causa.	8
7	Sir E. Grey a Mr. Page.	20 de Out.	Manifestando-se confiante que a noticia da execução de Miss Cavell será recebida com horror e aborrecimento por todo o mundo civilizado. Pede que sejam transmittidos os penhorados agradecimentos do governo de Sua Magestade a Mr. Whitlock e pessoal, pelos seus incançaveis esforços em favor de Miss Cavell.	20

No.	Nome.	Data.	Assumpo.	Pagina.
8	Sir E. Grey ao Señor Merry del Val.	20 de Out.	Pedindo que o governo hespanhol seja informado do muito que o governo de Sua Magestade aprecia os esforços feitos pelo ministro hespanhol em Bruxellas em favor de Miss Cavell.	21
9	Mr. Page a Sir E. Grey.	22 de Out.	Transmittindo despacho do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas incluindo una narrativa da ultima entrevista do capellão britannico com Miss Cavell.	21
10	Mr. Page a Sir E. Grey.	22 de Out.	Transmittindo despacho do ministro dos Estados unidos em Bruxellas, com referencia ao enterro de Miss Cavell.	23

CORRESPONDENCIA

TROCADA ENTRE

O MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS
BRITANNICO

E

O EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS

COM RESPEITO Á

Execução de Miss Cavell em Bruxellas.

No. 1.

SIR EDWARD GREY a MR. PAGE, embaixador dos Estados Unidos em Londres.

O MINISTRO dos negocios estrangeiros cumprimenta ao embaixador dos Estados Unidos e tem a honra de lhe participar que consta que Miss Edith Cavell, que se acha dirigindo uma grande escola de preparatorios para enfermeiras, á Rue de la Culture em Bruxellas, foi presa n'aquella localidade.

Sir Edward Grey ficará muito reconhecido a Mr. Page se tiver a bondade de indagar por intermedio do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, pela via telegraphica, se este boato é exacto e no caso affirmativo, qual o motivo da prisão de Miss Cavell. Nesta eventualidade Sir Edward Grey ficaria muito obrigado a sua Excellencia se se dignar pedir a Mr. Whitlock que preste a Miss Cavell todo o auxilio que lhe for licito prestar.

Ministerio dos Negocios estrangeiros,
26 de Agosto de 1915.

No. 2.

SIR EDWARD GREY a MR. PAGE, embaixador dos Estados Unidos em Londres.

O MINISTRO dos negocios estrangeiros cumprimenta ao embaixador dos Estados Unidos e com referencia á sua nota de 26 do mez fudo, em que pedia a Mr. Page que tivesse a bondade de procurar obter pelo telegrapho, informações do ministro dos Estados Unidos em Bruxelles, sobre á prisão que cousta sido feita pelas authorities militares allemãs, de Miss Edith

Cavell, directora de uma escola de preparatorios para enfermeiras, n'aquella localidade, tem a honra de lhe dizer que lhe ficara extremamente agradecido se sua Excellencia communicasse novamente com Mr. Whitlock, com o fim de verificar se ha probabilidade de estar a chegar qualquer confirmação ou desmentido do boato.

Ministerio dos Negocios estrangeiros,
22 de Setembro de 1915.

No. 3.

Mr. PAGE, embaixador dos Estados Unidos em Londres, a
SIR EDWARD GREY.
(Recebido em 30 de Setembro.)

O EMBAIXADOR americano apresenta seus cumprimentos ao ministro dos negocios estrangeiros e com referencia á nota que Sir Edward Grey teve a bondade de lhe dirigir em 26 de Agosto, com respeito ao caso de Miss Edith Cavell, tem a honra de juntar copia de uma carta que acaba de receber do ministro dos Estados Unidos, residente em Bruxellas.

Embaixada americana, Londres,
28 de Setembro de 1915.

(Annexo 1 ao No. 3.)

Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, a
Mr. PAGE.

Legação americana, Bruxellas,
21 de Setembro de 1915.

EXMO. SEÑHOR,

REFERINDO-ME ao seu telegramma de 27 de Agosto acerca do caso de Miss Edith Cavell, que foi presa em 5 de Agosto e se encontra agora na prisão militar de St. Gilles, cumpre-me incluir para sua informação, copia de um communicado que acabo de receber do Barão von der Lancken, com relação ao assumpto.

O advogado nomeado para defender a Miss Cavell, informou a legação que ella de facto admite ter escondido em sua casa, soldados francezes e inglezes e facilitou a partida de subditos belgas para a frente, fornecendo-lhes dinheiro e guias para lhes permittir poderem atravessar a fronteira hollandeza.

A legação, é claro, acompanhará de perto este caso, procurando ver se Miss Cavell recebe julgamento imparcial e não deixará de informar V. Ex. dos ulteriores desenvolvimentos.

Tenho a honra, etc., etc.,

A Sua Excellencia,
Walter Hines Page,
Ministro americano, Londres.

BRAND WHITLOCK.

(Annexo 2 ao No. 3.)

(Barão VON DER LANCKEN a Mr. WHITLOCK.)

I. 6940.

Bruxelles,

EXCMO. SEÑOR,

12 de Setembro de 1915.

Em resposta á nota de V. Exc. de 31 do podo, tenho a honra de lhe informar que Miss Edith Cavell foi presa em 5 de Agosto, e se acha presentemente na prisão militar de St. Gilles.

Ella confessou ter occultado em sua casa soldados francezes e inglezes, bem como belgas de idade militar, todos desejosos de seguir para a frente. Confessou igualmente ter supprido a estes soldados o dinheiro preciso para a sua jornada á França e ter facilitado a sua partida da Belgica obtendo-lhes grãas, que lhes permittiram poder passar a fronteira hollandeza secretamente.

A defeza de Miss Cavell está confiada ao advogado Braun, o qual devo dizer, se acha já em communicação com as competentes authoridades allemãs.

Em vista do facto de que o departamento do governador geral como questão de principio, não authoriza que pessoas accusadas tenham qualquer entrevista, muito lamento que me não seja possivel obter para M. de Leval permissão para visitar Miss Cavell enquanto ella se achar incommunicavel.

Aproveito o ensejo, etc.,

Secção politica do Governador
geral da Belgica.

LANCKEN.

No. 4.

MR. PAGE, Embaixador dos Estados Unidos em Londres, a
SIR EDWARD GREY.

(Recebido a 14 de Outubro.)

O EMBAIXADOR americano apresenta seus cumprimentos ao ministro dos negocios estrangeiros e com referencia á nota que Sir Edward Grey teve a bondade de lhe endereçar em 26 de Agosto passado,* e subsequente correspondencia com respeito á prisão de Miss Edith Cavell tem a honra de citar o seguinte telegramma que acaba de receber do ministro em Bruxellas:---

“Miss Cavell sentenciada hontem e executada esta manhã ás 2 horas, a despeito dos nossos melhores esforços proseguídos até ao ultimo momento. Segue relatorio completo pelo correio.”

Embaixada Americana, Londres,

15 de Outubro de 1915.

* Veja-se No. 1.

No. 5.

MR. PAGE, embaixador dos Estados Unidos em Londres, a
SIR EDWARD GREY.

O EMBAIXADOR americano apresenta seus cumprimentos ao ministro dos negócios estrangeiros e com referencia á nota de Sir Edward Grey de 22 de Setembro, com respeito ao caso de Miss Edith Cavell, subdita britannica na Belgica, que foi presa sob a accusação de espionagem, tem a honra de incluir copias de duas cartas que acaba de receber do ministro residente em Bruxellas.

Mr. Page permite-se chamar a sua attenção para o facto de que estas cartas foram escriptas previamente ao envio do telegramma de 12 do corrente de Mr. Whitlock, o qual foi communicado a Sir Edward Grey em 13 do corrente.

Embaixada americana, Londres,
15 de Outubro de 1915.

(Annexo 1 ao No. 5.)

MR. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, a
MR. PAGE.

Legação americana, Bruxellas,
9 de Outubro de 1915.

EXCMO. SR.,

CUMPRE-ME accusar recepção da sua carta de 23 de Setembro com respeito á prisão pelas authoridades militares allemãs, de Miss Edith Cavell, directora de uma escola de preparatorios para enfermeiras.

Ao receber o seu telegramma No. 448, de 27 de Agosto, entendi me sobre o caso com as anthoridades allemãs, e soube que de facto Miss Cavell havia sido presa sob a accusação de "espionagem." O advogado belga nomeado para a defender perante o tribunal militar, tem vindo varias vezes á legação e continua a dar-me todas as informações do que se vai passando a respeito. Ao que parece, Miss Cavell fez varias confissões muito compromettedoras e não parece que haja base que me permita poder solicitar a sua soltura antes do julgamento.

O caso deve ser julgado na proxima semana e logo que houver qualquer outro desenvolvimento, me appressarei a communicar-o.

Soh, etc.,

BRAND WHITLOCK.

EXCMO. SR.,

Walter Hines Page,

Embaixador americano, Londres.

(Annexo 2 ao No. 5.)

Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, a
Mr. PAGE.

Legação americana, Bruxellas,

EXCMO. SNR.,

11 de Outubro de 1915.

REFERINDO-ME à minha carta de 9 de Outubro, com respeito ao caso de Miss Edith Cavell, appresso-me a participar-lhe que o seu julgamento se acha ultimado e a accusação allemã pedin que fosse passada a pena de morte contra ella e oito pessoas que se acham implicadas pelo seu depoimento.* Ainda não foi lavrada a sentença e tenho alguma esperança que o tribunal militar recuse passar a rigorosa sentença proposta.

Tenho pois feito até agora tudo quanto é possível para que Miss Cavell seja julgada com imparcialidade e assegura-me o advogado que por este lado não ha motivo de queixa.

Não me entender, será inutil dar novos passos até ser passada a sentença e então claro está, não me pouparei a esforços para evitar que lhe seja infligida uma pena tão indevidamente severa. Quando a sentença for pronunciada, telegraphiar-lhe-hei immediatamente.

Tenho a honra, etc.,

BRAND WHITLOCK.

No. 6.

Mr. PAGE, embaixador dos Estados Unidos em Londres, a
SIR EDWARD GREY.

O EMBAIXADOR americano apresenta os seus cumprimentos ao Ministro dos negocios estrangeiros e em referencia á sua nota de 13 do corrente, tem a honra de juntar á presente, uma copia de uma carta, datada de 13 de Outubro, que acaba de receber da legação em Bruxellas, juntamente com um relatorio sobre o caso de Miss Edith Cavell, subdita ingleza, que foi executada recentemente n'aquella capital.

Embaixada americana, Londres,
18 de Outubro de 1915.

(Annexo 1 ao No. 6.)

Mr. WINTLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, a
Mr. PAGE.

Legação americana, Bruxellas,

EXCMO. SSR,

13 de Outubro de 1915.

COM referencia á correspondencia anterior acerca do caso de Miss Edith Cavell, lamento ser obrigado a informal-o,

* Veja-se a nota no fim d'esta brochura.

que, em confirmação do men telegramma de hontem de manhã,* a sentença de morte recommendada pelo procurador accusador foi passada pelo tribunal militar e que Miss Cavell foi executada hontem de manhã cedo.

Para informação de V. Exc. junto copias de toda a correspondencia que troquei com as authoridades allemãs acerca do caso, bem como copias de cartas anteriores dirigidas a V. Exc. sobre o assumpto.

Eu sei que V. Exc. comprehenderá sem necessidade de eu lho dizer, que exgotámos todos os esforços possiveis para evitar que fosse applicada a pena de morte e que o nosso insuccesso é considerado por nós como um golpe muito duro. Estou porém convencido, que não se deixon de tomar toda e qualquer providencia que podesse produzir effeito. Desde a data em que soubemos pela primeira vez da prisão de Miss Cavell. fizemos frequentes indagações das authoridades allemãs e lembramos-lhes a sua promessa de nos darem plenas informações do que se fosse passando.

Nenhuma duvida tinham de qual fosse o nosso interesse no assumpto. Apezar das authoridades allemãs me não terem informado quando a sentença foi pronunciada de facto, sobre por fontes extra officiaes, que tinha sido proferida a sentença e que Miss Cavell ia ser executada de noite. Immediatamente mandei Mr. Gibson, secretario da legação, apresentar ao Barão von der Lancken a minha appellação para que a execução da sentença fosse deferida até que o Governador tivesse tomado em consideração a minha justificação para usar de clemencia. Mr. Gibson foi acompanhado por Maître de Leval, conselheiro legal da legação que tinha trabalhado desde o principio sobre o aspecto legal do caso. Mr. Gibson, por felicidade, encontrou o ministro hespanhol e conseguiu que elle o acompanhasse na sua visita ao Barão von der Lancken. No relatorio que Mr. Gibson me deu da sua visita, achará V. Exc. todos os detalhes. Os outros documentos annexos fallam por si e dispensam commentarios de minha parte.

Tenho a honra de,
BRAND WHITLOCK.

(Annexo 2 ao No. 6.)

Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, ao
Barão VON DER LANCKEN.

Bruxellas,

EXMO. SR.,

31 de Agosto 1915.

A MINHA legação acaba de ser informada, que consta ter sido presa Miss Edith Cavell, moradora na Rue de la Culture, Bruxellas.

* Veja-se No. 4.

Muito agradeceria a V. Exc. se tivesse a bondade de me dizer, se este boato é exacto, e neste caso quaes os motivos desta prisão. Igualmente agradeceria a V. Exc., que nesse caso fornecesse o esta legação a authorização necessaria das anthoridades judicias allemãs, para que M. de Leval possa consultar Miss Cavell e eventualmente encarregar alguem de sua defeza.

Aproveito etc.,

BRAND WHITLOCK.

(Annexo 3 ao No. 6.)

Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, ao
Barão VON DER LANCKEN.

O MINISTRO dos Estados Unidos apresenta os seus cumprimentos ao Barão von der Lancken e tem a honra de chamar a attenção de Sua Excellencia para a carta d'elle de 31 de Agosto, referente á prisão de Miss Cavell á qual ainda se não recebeu resposta.

Como o ministro recebeu pedide pelo telegrapho para se encarregar sem demora da defeza de Miss Cavell, ficaria muito grato se o Barão von der Lancken providenciasse desde já, para que elle possa dar os passos que sejam necessarios para esta defeza e para responder pelo telegrapho ao despacho que elle recebeu.

Bruxellas,

10 de Setembro de 1915.

(Annexo 4 ao No. 6.)

Mr. HUGH GIBSON, secretario da legação dos Estados Unidos, Bruxellas, a Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas.

(Relatorio para o ministro.)

Legação americana, Bruxellas,

Exco. SÑR.,

12 de Outubro de 1915.

Ao saber hontem de manhã cedo, de fonte extra-official, que o julgamento de Miss Edith Cavell havia sido nltimado no Sabbado de tarde e que o proenrador da accnsação ("Kriegsgerichtsrat") tinha pedido sentença de morte contra ella, indagou-se immediatamente pelo telephone no Politische Abteilung do que havia sobre os factos. Foi-nos declarado que por enquanto ainda não havia sido pronunciada sentença alguma e que provavelmente haveria uma demora de um ou dois dias antes que se tomasse uma decisão. O Sñr. Conrad assegnou positivamente que a legação receberia plena informação sobre o que se fosse passando no caso. A despeito

destas declarações, indagámos diversas vezes durante o dia, seculo a ultima ás 6.20 da tarde, hora belga. O Sr. Conrad asseverou então que ainda não havia sido pronunciada a sentença e distinctamente renovou as suas anteriores promessas de que não, deixaria de nos informar logo que tivesse noticias.

As 8.30 soube-se por informação de fóra, que no decurso da tarde havia sido passada a sentença (antes da ultima conferencia com Sr. Conrad) e que a execução teria logar aquella noite. Em conformidade com as suas instruções, fui (acompanhado por M. de Leval) procurar o Ministro hespanhol e encontrei-o jantando em casa do Barão Lambert. Expuz as circumstancias a sua Excellencia e pedi-lhe (visto V. Exc. estar doente e não poder ir em pessoa) que viesse connosco ao Barão von der Lancken e appoiar energicamente o pedido, que eu tinha a fazer em nome de V. Exc. para que a execução da pena de morte fosse deferida até que o governador podesse tomar em consideração o appello de V. Ex. para que usasse de clemencia.

Levamos connosco uma nota dirigida ao Barão von der Lancken e um pedido de clemencia ("requête en grâce") dirigido ao governador geral.* O ministro hespanhol de boa vontade consentiu em acompanhar-nos e fomos juntos à Politische Abteilung.

O Baron von der Lancken e todo o pessoal achavam-se fóra essa noite. Mandámos um proprio a pedir-lhe que voltasse immediatamente para fallar connosco sobre nuu assumpto da maxima urgencia. Pouco depois das 10 horas chegon elle, seguindo se lhe breve o Conde de Harrach e Herr von Falkenhausen membros do pessoal. Explicou se-lhe as circumstancias e apresentou-se lhe a vossa nota que elle leu em voz alta, em nossa presença. Manifeston-se incredulo acerca do boato, de que a sentença tivesse sido levada a effeito mostrando-se surprehendido por darmos credito a boatos não partidos de fontes officiaes. Chegou mesmo a insistir com empenho que lhe dessemos a conhecer a origem exacta da nossa informação, o que poréu julguei não me era licito communicar. O Barão von der Lancken, affirmou que era inteiramente improvavel que a sentença tivesse sido pronunciada e que mesmo neste caso, não seria executada dentro de um prazo tão curto e que em qualquer dos casos seria absolutamente impossivel dar qualquer passo antes da manhã. Naturalmente, fizemos-lhe ver que se os factos eram como nós os julgavamos ser, qualquer passo que não fosse dado desde já seria absolutamente de nenhum effeito. Instámos com elle para que averiguasse immediatamente o que é que se havia passado ao que elle annuiu depois de alguma hesitação. Telephonou para o juiz presidente do tribunal militar e voltou d'alli a pouco tempo, dizendo serem os factos como nos tinham exposto e que a sentença seria levada a effeito antes de manhã. Apresentámos

* Veja-se annexos 5, 6, e 7.

então com toda a instancia o vosso pedido de suspensão. Tanto quanto me é possível julgar, não deixamos de salientar todas as phrases do assumpto, que fossem susceptiveis de produzir effeito, frizando o horror de executar uma mulher, fosse qual fosse o seu delicto fazendo igualmente ver que até aqui a sentença da morte só havia sido applicada em casos reaes de espionagem e que Miss Cavell nem sequer era accusada pelas authoridades allemãs de cousa tão grave. Chamei ainda a attenção para a falta de cumprimento da promessa que o Sür Conrad havia feito de informar a legação da sentença. Appellei para o facto de que tendo os crimes attribuidos a Miss Cavell sido practicados havia bastante tempo e como ella ja se achava presa desde algumas semanas por certo que uma prorrogação de sentença não acarretaria perigo algum á causa allemã. Cheguei mesmo a fazer ver qual o terrivel effeito de uma execução summaria deste especie na opinião publica, tanto aqui como no estrangeiro e embora eu não tivesse authority para fazel-o, chamei a attenção para a possibilidade de provocar represalias.

O ministro hespanhol deu o seu caloroso apoio a todas as nossas representações e appellou com instancia para que se usasse de clemencia.

O Barão von der Lancken declarou que o governador militar era a authoridade suprema ("Gerichtsherr") em materias desta ordem; que um appello contra sua decisão só poderia subir ao Imperador, pois que o governador geral não tinha authority para intervir em taes casos. Acrescentou que pelos regulamentos da lei militar allemã, o governador militar tinha poderes discretionarios para accetar ou recusar um appello para clemencia. Depois de alguma discussão, concordou em chamar o governador militar ao telephone e saber se elle já havia ratificado a sentença e se havia alguma probabilidade de se poder usar de clemencia. Voltou d'alli a meia hora e disse que tinha ido conferenciar pessoalmente com o governador militar que lhe dissera que no caso de Miss Edith Cavell tinha procedido só depois de madura deliberação; que as circumstancias do caso eram de tal natureza que achava imperiosa a applicação da pena de morte e que em vista das circumstancias do caso se via obrigado a recusar-se a accetar o pedido de clemencia ou qualquer outra representação a respeito.

O Barão von der Lancken pediu-me então que guardasse a nota que eu já lhe havia apresentado. A isto fiz objecções fazendo ver que não era uma "requête en grâce" mas simplesmente um nota para elle, transmittindo-lhe uma communicação para o governador que em si devia ser considerada a "requête en grâce." Fiz-lhe ver que isto se achava expressamente mencionado na vossa nota para elle e procurei induzil-o a ficar com ella; — como porem se mostrasse insistente, cheguei por fim à conclusão que uma vez que elle a havia lido em voz alta e sabiamos que elle estava ao facto do contheudo e que nada havia a ganhar em recensar accetar a nota tornámos a

recebel-a. Mesmo já depois da declaração muito positiva e definitiva do Barão von der Lancken de que não havia esperança e que nestas circumstancias “nem o proprio imperador podia “intervir” continuámos a appellar para todos os sentimentos, a fim de obter suspensão e o proprio ministro hespanhol chamou o Barão von der Lancken aparte, para lhe dizer com vehemencia varias coisas, que elle teria hesitado em dizer na presença dos officiaes mais novos e de M. de Leval, subdito belga.

Sua Excellencia fallou com muito ardor com o Barão von der Lancken durante em quarto de hora. Durante todo este tempo o Sñr de Leval e cu tinhamos apresentado aos officiaes mais novos todos os argumentos que nos foi possível imaginar. Lembrei-lhes os nossos esforços incessantes em favor dos subditos allemães, quando rebentou a guerra, e durante o sitio de Antuerpia. Fiz-lhes ver que uma vez que nossos serviços haviam sido prestados com prazer e sem ulterior pensamento algum de futuros favores, por certo que vos davam o direito a receber alguma consideração pelo unico pedido desta sorte que haviéis feito desde o principio da guerra. Infelizmente, os nossos esforços foram baldados. Contudo teimámos até que de todo vimos que não havia esperança alguma de que o caso fosse tido na menor consideração. Pouco depois da meia noite sahimos da Politische Abteilung e immediatamente voltei á legação para fazer este relatorio para V. Exc.

HUGH GIBSON.

(Annexo 5 ao No. 6.)

MR. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, ao
Barão VON DER LANCKEN.

MEU CARO BARÃO,

MEUS graves incommodos impedem-me de ir pessoalmente entregar-lhe o meu appello, conto porém com a generosidade do vosso coração para o apoiar e salvar esta infeliz mulher da morte. Tende piedade della!

Com toda a consideração,

BRAND WHITLOCK.

(Escripto pelo paulo do ministro.)

(Annexo 6 ao No. 6.)

MR. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, ao
Barão VON DER LANCKEN.

Bruxellas,

11 de Outubro de 1915.

EXCMO. SNR.,

ACABO de saber que Miss Cavell, subdita ingleza e por consequencia sob a protecção de minha legação foi esta manhã condemnada á morte pelo tribunal militar.

Se a minha informação é correcta, a sentença no caso presente é mais severa do que todas as outras que tem sido passadas em casos identicos julgados pelo mesmo tribunal e sem entrar nas razões de uma sentença tão drastica; sinto que me cabe o direito de appellar aos sentimentos de humanidade e generosidade de Sua Excellencia o governador geral, em favor de Miss Cavell e de lhe pedir para que a pena de morte passada contra Miss Cavell seja commutada e que esta infeliz mulher não seja exeentada.

Miss Cavell é a directora do Instituto Cirurgico de Bruxellas. Tem dedicado a sua vida a alliviar os soffrimentos alheios. Da sua escola tem sahido muitas enfermeiras que tem velado á beira do leito de enfermos por todo o mundo, tanto na Allemanha como na Belgica. No começo da guerra, Miss Cavell dedicou seus cuidados, sem distincção de allemães ou de outras nacionalidades. Ainda que faltassem outras razões, sua carreira como serva da humanidade é de tal ordem, que deve inspirar a maior sympathia e dar jus a merceer perdão. Se informação que possuo em meu poder é exacta Miss Cavell longe de se defender, tem com louvavel franqueza admittido a veracidade das accusações formadas contra ella e é precisamente a informação que ella mesma deu e que só ella se achava em posição de poder fornecer, que aggravou a severidade da sentença.

É pois com confiança e na esperança de favoravel acolhimento, que rogo a V. Exc. de submetter ao governador geral meu pedido para perdão, em favor de Miss Cavell.

Aproveitando, etc.,

BRAND WINTLOCK.

(Annexo 7 ao No. 6.)

Mr. WINTLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas ao
Barão von BISSING, Governador Geral na Belgica.

Bruxellas,

EXMO. SNR,

11 de Outubro de 1915.

ACABO de saber que Miss Cavell, subdita ingleza e por consequencia sob a protecção de minha legação, fora condemnada á morte esta manhã pelo tribunal militar.

Se a minha informação é correcta, a sentença neste caso é mais severa que todas as outras que tem sido julgadas pelo mesmo tribunal em casos identicos e sem entrar nas razões de uma sentença tão drastica, sinto que me cabe o direito de appellar aos sentimentos de humanidade e generosidade de V. Exc. em favor de Miss Cavell e de pedir que a pena de morte passada sobre Miss Cavell lhe seja commutada e que esta infeliz mulher não seja executada.

Miss Cavell é a directora do Instituto Cirurgico de Bruxellas. Tem dedicado a sua vida a alliviar os soffrimentos do proximo e da sua escola tem sahido muitas enfermeiras que tem velado á

beira do leito de enfermos por todo mundo, tanto na Alemanha como na Belgica. No começo da guerra, Miss Cavell dedicou os seus cuidados sem distincção de allemães ou outras nacionalidades. Ainda que faltassem outras razões, sua carreira como serva da humanidade é de tal ordem, que deve inspirar a maior sympathia e dar juiz a merecer perdão. Se a informação que possui em meu poder é exacta, Miss Cavell longe de se defender tem com louvavel franqueza admittido a veracidade das accusações formadas contra ella e é precisamente a informação que ella mesma deu e que só ella se achava em posição de poder fornecer que aggravou a severidade da sentença.

É pois com confiança e na esperanza de favoravel acolhimento que, tenho a honra de apresentar a V. Exc. meu pedido de perdão em favor de Miss Cavell.

Aproveito, etc.,
BRAND WHITLOCK.

(Annexó 8 ao No. 6.)

Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas a
Mr. PAGE.

(Telegramma.)

Legação americana, Bruxellas,
12 de Outubro de 1915.

SUA carta de 23 de Setembro e minhas respostas de 9 e 11 de Outubro. Miss Cavell sentenciada hontem e executada ás 2 horas esta manhã a despeito nossos melhores esforços continuados até ao ultimo momento. Segue relatorio circunstanciado pelo correio.—WHITLOCK, ministro americano.

(Annexo 9 ao No. 6.)

M. DE LEVAL a Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos
em Bruxellas.

Relatorio para o ministro.

SENHOR,

12 de Outubro de 1915.

Logo que a legação recebeu aviso de que Miss Cavell fora presa, sua carta de 31 de Agosto* foi mandada ao Barão von der Lancken. Por esta carta pediu-se ás autoridades allemãs *inter alia*, que me fosse permittido fallar com Miss Cavell afim de dar todos os passos para a sua defeza. Não tendo sido recebida resposta a legação em 10 de Setembro† lembrou os allemães desta carta.

Os allemães responderam em 12 de Setembro‡ que me não seria permittido fallar com Miss Cavell, mas que Mr. Braun

* Veja-se annexo 2 ao No. 6.

† Veja-se annexo 3 ao No. 6.

‡ Veja-se annexo 2 ao No. 3.

advogado no Tribunal de Bruxellas a estava defendendo e já se estava entendendo com as authoridades allemãs sobre a causa.

Immediatamente pedi a Mr. Braun que me viesse ver na legação, o que elle fez poucos dias depois. Informon-me elle que amigos pessoas de Miss Cavell lhe tinham pedido para a defender perante o tribunal allemão, que elle concordára em fazel-o, mas que devido a circumstancias imprevistas, elle se achava inhibido de advogar perante esse tribunal, accrescentando que elle havia pedido ao seu amigo Mr. Kirschen, membro do fôro de Bruxellas, para tomar conta da causa e defender Miss Cavell e que o Snr. Kirchen tinha concordado em fazel-o.

Portanto, puz-me logo em communicação com o Snr. Kirschen, que me disse que Miss Cavell estava sendo processada por ter ajudado soldados a passar a fronteira. Perguntei-lhe se elle tinha estado com Miss Cavell e se ella lhe tinha feito alguma declaração, e com surpresa minha soube que os advogados encarregados de defeza dos presos perante o tribunal militar allemão não tinham permissão de ver os seus clientes antes do julgamento e que nem se lhes mostrava documento algum da accusação. O que disse o Snr. Kirschen, estava de accordo com os regulamentos militares allemães. Accrescentou que a audiencia do julgamento destas causas era sempre levada a effeito com muita cautella e que na opinião d'elle, embora não fosse possivel fallar com o cliente antes do julgamento, este era tão metienoso e lento no seu desenvolvimento, que em geral era possivel obter um conhecimento razoavel de todos os factos e apresentar uma boa defeza do preso. Isto dar se-hia especialmente com Miss Cavell, pois que o julgamento seria bem demorado, visto com ella haver mais trinta e quatro presos accusados.

Informei o Snr. Kirschen de minha tenção de me achiar presente ao julgamento para ver como seguiria a causa. Immediatamente dissnadiu-me de tomar tal attitnde, a qual, elle disse, iria causar grande prejuizo á presa, visto que os juizes allemães ficariam melindrados e considerariam quasi uma affronta se lhes parecesse que eu estava exercendo uma especie de fiscalização de processo. No seu entender, se os allemães consentissem na minha assistencia, o que era muito para duvidar, não deixaria de por qualquer forma ser prejudicial a Miss Cavell.

O Snr. Kirschen assegurou-me por mais de uma vez, que o tribunal militar de Bruxellas era perfeitamente imparcial e que não havia a minima probabilidade de se commetter uma injustiça. Prometten-me que me teria sempre ao par das accusações que fossem feitas contra Miss Cavell e do desenvolvimento que fosse tendo a causa, bem como dos factos que lhe dissessem respeito e que fossem apresentados á luz do tribunal, afim de eu ficar habilitado a julgar por mim dos meritos da causa. Protestou, é claro, que havia de fazer quanto fosse linnanamente possivel fazer-se em defeza de Miss Cavell, para ó que empregaria todos os seus esforços.

Trez dias antes de ter logar o julgamento, o Snr. Kirschen mandou-me uma nota dizendo que este estava marcado para a seguinte Quinta Feira 7 de Outubro. A legação mandou-lhe immediatamente uma carta em 5 de Outubro^o confirmando por escripto em nome da legação a combinação que havia sido feita entre nós. A carta foi entregue ao Snr. Kirschen por um mensageiro da legação.

O julgamento levou dois dias e terminou na Sexta Feira 8.

No Sabbado informaram-me de fóra, que o julgamento tinha tido logar mas que a sentença só seria dada d'alli a uns dias.

Não recebendo communição alguma do Snr. Kirschen, fui ver se o encontrava, mas não o consegui. Mandeilhe então uma nota no Domingo, pedindo-lhe que mandasse o seu relatório à legação ou que comparecesse lá na Segunda Feira de manhã, ás 8.30. Ao mesmo tempo obtive de outra pessoa que tinha assistido ao julgamento, algumas informações sobre o que havia passado e fui informado dos seguintes factos :

Miss Cavell foi accusada de ter ajudado soldados inglezes e franceses bem como mancebos belgas, a passar a fronteira e ir para Inglaterra. Ella confessou, n'uma declaração assignada antes do dia do julgamento, e admittiu em pleno tribunal, na presença de todos os outros presos e advogados, que era culpada não só de ter auxiliado estes soldados a atravessar a fronteira, como tambem que havia recebido cartas de alguns delles, de Inglaterra, enviando-lhe seus agradecimentos. Esta ultima admissão tornou a sua causa muito mais grave, porque se apenas tivesse sido provado que ella tinha auxiliado os soldados a atravessar a fronteira hollandeza e não houvesse prova de que estes soldados haviam chegado a um paiz em guerra com a Allemanha, teria sido eudemnuada apenas por tentativa de commetter o crime e não tel-o commettido de facto. Na forma que se apresentavam as coisas, a sentença fixa pela lei militar allemã era a pena de morte.

O paragrapho 58 do codigo militar allemão diz :—

“Toda a pessoa que com intenção de auxiliar uma nação hostil ou de causar damno ás tropas allemãs ou alliadas for culpada de um dos crimes previstos pelo paragrapho 90 do codigo penal allemão, será sentenciada à pena de morte como traidora.”

O caso que diz respeito ao dito paragrapho 90 consiste em :—

“ conduzir soldados ao inimigo (a saber, Dem Feinde Mannschaften zuführt).”

As penalidades estatuidas applicam-se, segundo o paragrapho 160 do codigo allemão em caso de guerra, tanto a estrangeiros como a allemães.

Na sua declaração verbal perante o tribunal, Miss Cavell revelou quasi todos os factos de toda a acensação. Foi interrogada em allemão enquanto que um interprete traduzia todas as

perguntas em francez, lingua esta em que Miss Cavell era bem versada. Fallon sem tremer e mostrou espirito sereno. Por varias vezes tornou ainda mais precisas as suas previas declarações.

Quando lhe perguntaram porque havia ajudado estes soldados a seguir para Inglaterra, replicou que pensou que se assim não tivesse feito elles teriam sido fuzilados pelos allemães, e que portanto julgava do seu dever para com a patria salvar-lhes a vida.

O accusador militar allemão, disse que esse argumento talvez fosse bom quanto a soldados inglezes, mas que não tinha applicação quanto aos jovens belgas que ella havia induzido a atravessar a fronteira e que teriam perfeita liberdade de permanecer no paiz sem perigo para suas vidas.

O Snr. Kirschen apresentou uma boa defeza de Miss Cavell fazendo uso de todos os argumentos que poderiam apresentar-se em tribunal em seu favor.

O accusador militar publico, porém, pediu ao tribunal que passasse sentença de morte contra Miss Cavell e mais oito presos de entre os trinta e cinco. O tribunal não parecia estar de accordo e o julgamento foi adiado. A pessoa que me informou disse-me que lhe parecia que o tribunal não iria até ao extremo do limite.

Em summa, depois de en ficar sabendo destes factos (isto é, no Domingo á noite) passei pela Secção politica do governo allemão na Belgica e perguntei se, nma vez que já tinha tido logar o julgamento me seria concedida licença para visitar Miss Cavell na prisão, visto não haver mais causa de me recusarem essa permissão. O funcionario allemão, Snr. Conrad, disse-me que faria as necessarias inlagações no tribunal e mais tarde me informaria.

Pedi-lhe tambem que fosse permittida licença a Mr. Gahan, sacerdote inglez para visitar Miss Cavell.

Ao mesmo tempo preparámos na legação, afim de estar prompta para qualquer eventualidade, um pedido de perdão, dirigida ao governador geral da Belgica e nma nota de transmissão dirigida ao Barão von der Lancken.

Na Segunda feira de manhã, ás 11, chamei o Snr. Conrad ao telephone da legação (como já previamente havia feito varias vezes ao indagar sobre o estado da causa), perguntando o que havia decidido o tribunal militar a respeito de Mr. Gahan e eu irmos visitar Miss Cavell.

Elle respondeu que Mr. Gahan não a poderia visitar, mas que ella poderia conversar com qualquer dos trez ministros protestantes pertencentes á prisão e que eu a não poderia visitar antes de ter sido proferida e assignada a sentença, mas que isto provavelmente só teria logar dentro de nm ou dois dias. Pedi ao funcionario allemão que avisasse a legação em seguida a que fosse passada a sentença, de modo que eu podesse ver Miss Cavell immediatamente, crendo, é claro, que

a legação podesse dar passos, em seguida segundo vossa tenção para conseguir o perdão de Miss Cavell, se a sentença fosse realmente de morte.

Muito surprehendido por continuar ainda sem novas do Snr. Kirschen, fui visital-o a casa ás 12.30, onde me disseram que só estaria de volta para o fim da tarde. Fui então visitar ás 12.40 um outro advogado, interessado na causa de um outro dos co-presos e soube que tambem se achava fóra. De tarde poréu, o segundo advogado proenrou-me dizendo ter sabido da Kommandatur allemã, de manhã, que a sentença seria passada no dia seguinte, isto é, Terça Feira de manhã. Acrescentou temer que o tribunal fosse muito severo para com todos os presos. Ponco depois disto, o advogado retirou-se e enquanto eu estava preparando uma nota sobre a causa, recebi ás 8 horas da noite, informação privada e de confiança, que tinha sido passada a sentença ás 5 horas da tarde e que Miss Cavell fóra sentenciada á morte e seria fuzilada ás 2 horas da madrugada do dia seguinte. Disse ao meu informador que estava extremamente surprehendido com isto, pois que a legação não recebera ainda informação alguma, quer das authoridades allemãs, quer do Sur. Kirschen, mas que o caso era grave por demais para se deixar fugir a minima probabilidade e que portanto eu iria immediatamente á legação para conferenciar com V. Exc. e dar todos os passos possiveis para salvar a vida de Miss Cavell.

De accordo com a decisão de V. Exc., Mr. Gibson e eu fomos com o ministro hespanhol visitar o Barão von der Laucken e a narração da nossa entrevista e de nossos esforços para salvar Miss Cavell vos foi enviada por Mr. Gibson.

Esta manhã, Mr. Gahan, o sacerdote inglez, veio ver-me e disse-me que hontem ás 10 horas da noite, havia estado com Miss Cavell na sua cellula e lhe administrara a sagrada communhão e a encontrara admiravelmente resoluta e tranquilla. Perguntei a Mr. Gahan se ella tinha feito quaesquer observações sobre o que quer que fosse concernente ao aspecto juridico da sua causa e se a confissão que ella havia feito antes do julgamento e em tribunal, no seu parecer, era perfeitamente espontanea e sincera. Mr. Gahan disse que ella lhe havia dito que sabia perfeitamente o que havia feito, que em face da lei, é claro, era criminosa e admittira a culpa, mas que se considerava feliz morrer pela patria.

G. DE LEVAL.

(Annexo 10 ao No. 6.)

M. de Leval ao Snr. KIRSCHEN.

Bruxellas,

5 de Outubro de 1915.

AMIGO E SNR.

AGRADECO-LHE a carta que teve a bondade de dirigir a M. de Leval em que V. Sa. o informou que a causa de

Miss Cavell viria ao tribunal na seguinte Quinta-feira ás 8 horas da manhã. Em conformidade com o arranjo já combinado, ficar-lhe-hei muito grato se servir mandar-me depois da audiência, um memorial descrevendo os actos pelos quaes Miss Cavell esti sendo processada e declarando as offensas de que a accusam na audiência, e bem como qual a sentença proferida.

Son, etc. (Pelo ministro)

G. DE LEVAL,
Conselheiro juridico da Legação.

No. 7.

SIR E. GREY a MR. PAGE, embaixador dos Estados Unidos em Londres.

O MINISTRO dos negocios estrangeiros, apresenta os seus cumprimentos ao embaixador dos Estados Unidos e tem a honra de accusar recepção da nota de sua Excellencia de 18 do corrente* incluindo, copia de um despacho do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, com respeito á execucao de Miss Edith Cavell n'aquella localidade.

Sir E. Grey está convencido que a noticia da execucao desta nobre ingleza, será recebida com horror e aborrecimento, não só pelas nações alliadas, como tambem por todo o mundo civilizado; Miss Cavell nem sequer era accusada de espionagem e o facto de ella ter cuidado de bastantes soldados allemães feridos deveria ter sido considerado já por si, como uma razão bastante para que a tratassem com compaixão.

A attitude das authoridades allemãs, torna se peor, se é possivel, pelos esforços indecorosos empregados com successo, pelos funcionarios da administração civil allemã em Bruxellas, em occultar o facto de ter sido passada a sentença e de que seria levada a effeito immediatamente. Estes esforços foram sem duvida suggeridos pela determinação de levar a sentença a effeito antes de se poder appellar contra a decisão do tribunal militar, para uma authoridade mais superior e mostram pela forma mais evidente, que as authoridades allemãs a que dizia respeito, estavam bem ao facto, de que a execucao da sentença não se justificava por consideração alguma.

Tornam-se superfluos quaesquer outros commentarios sobre a maneira de proceder dellas.

Em conclusão, Sir E. Grey roga a Mr. Page que queira transmittir a Mr. Whitlock e pessoal da legação dos Estados Unidos em Bruxellas, os penhorados agradecimentos do governo de Sua Magestade pelos incansaveis esforços a favor de Miss Cavell. Está perfeitamente convencido que se moveu ceu e terra para assegurar um julgamento imparcial a Miss Cavell o uma mitigação da sentença quando esta foi proferida.

* Veja-se No. 6.

Sir E. Grey comprehende bem que Mr. Whitlock se achava collocado em uma posição muito embaraçadora, pela omissão da parte das authoridades allemãs de o informar que a sentença havia sido passada e que seria levada a effeito immediatamente. Com o fim portanto, de anticipar qualquer critica injusta que pudesse ser feita neste paiz, vae publicar sem demora, o despacho de Mr. Whitlock a Mr. Page.

Ministerio dos negocios estrangeiros,
20 de Outubro de 1915.

No. 8.

SIR E. GREY ao SEÑOR DON ALFONSO MERRY DEL VAL,
embaixador espanhol em Londres.

EXCMO. SNR.,

TENHO a honra de informar a Vossa Exe. que recebi por intermedio do exbaixador dos Estados Unidos junto a esta corte, uma copia de um despacho do ministro dos Estados Unidos em Bruxellas com respeito á execução n'aquella localidade, de Miss Edith Cavell, subdita ingleza.

Consta do relatorio de Mr. Whitlock, que o ministro hespanhol em Bruxellas, acompanhou Mr. Hugh Gibson, secretario da legação dos Estados Unidos em Bruxellas na sua visita ás authoridades civis allemãs em Bruxellas, depois de que se soube que a sentença sobre Miss Cavell tinha sido pronunciada e fez o que ponde para conseguir uma commutação da pena capital.

O governo de Sua Magestade tem no maior apreço os esforços empregados pelo Marquez de Villalobar nesta occasião e os sentimentos de humanidade e cavalheirismo que o animavam e muito agradecerá a V. Ex. que se sirva informar o governo hespanhol.

Tenho, etc., etc.,
(Assignado) E. GREY.

No. 9.

MR. PAGE, e embaixador dos Estados Unidos em Londres a
SIR EDWARD GREY.

O EMBaixADOR americano apresenta os seus cumprimentos ao ministro dos negocios estrangeiros de Sua Magestade e com referencia á previa correspondencia acerca da execução pelas authoridades allemãs, de Miss Edith Cavell, subdita britannica, em Bruxellas, tem a honra de juntar copia de uma communicação do ministro em Bruxellas, bem como copia de um relatorio feito pelo Rev. H. S. T. Gahan, capellão britannico n'aquella capital, com respeito á sua ultima entrevista com Miss Cavell.

Embaixada americana, Londres,
22 de Outubro de 1915.

(Annexo 1 a No. 9.)

Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas,
a Mr. PAGE.

Legação americana, Bruxellas,
18 de Outubro de 1915.

MEU CARO COLLEGA,
CUMPRE-ME transmittir para sua informação e qualquer outro fim que possa considerar desejavel, copia de um memorandum preparado a meu pedido pelo Rev. H. S. T. Gahan, capellão britannico em Bruxellas, com referencia á sua ultima entrevista com Miss Edith Cavell na noite em que foi exeentada.
Sou, etc.,

BRAND WHITLOCK.

(Annexo 2 ao No. 9.)

Relatorio de Mr. GAHAN, capellão Britannico em Bruxellas.

Na Segunda Feira 11 de Outubro á noite, foi-me permittido por passe especial das authoridades allemãs, ingresso á prisão de St. Giles onde Miss Edith Cavell se achava detida ha dez semanas. A sentença final havia sido passada pouco depois do meio dia.

Com surpresa e allivio vim encontrar esta minha amiga perfeitamente tranquilla e resignada. Isto porem não diminuiu a ternura e intensidade de sentimentos mutuos, durante a ultima entrevista, de quasi uma hora.

As primeiras palavras que me dirigiu foram sobre um assumpto que lhe dizia respeito pessoalmente, mas a solemne asseveração com que as acompanhou foi feita expressivamente á luz de Deus e da eternidade.

Accrescentou depois que desejava que todos os seus amigos ficassem sabendo que de boa vontade depunha a sua vida pela patria, dizendo "Não tenho receio nem sinto horror de especie alguma; tenho encarado a morte tantas vezes que para mim de deixa de ser extranha ou pavorosa."

Accrescentou ainda "Dou graças a Deus por este periodo de tranquillidade de dez semanas antes do final." "A vida tem sido sempre de sobresaltos e difficuldades." Este periodo de socego foi uma grande mercê. "Todos aqui tem sido muito bondosos para comigo."

"Mas devo dizer, achando-me, como estou, á face de Deus e da eternidade que não basta o patriotismo, não devo nutrir odios ou aversão contra quem quer que seja."

Partilhámos da sagrada communhão conjunctamente e ella recebeu a mensagem de consolação do Evangelho com todo o fervor.

Ao terminar o curto serviço, comecei a repetir as palavras: "Abide with me" que ella no final repetiu com suavidade.

Conservámos-nos conversando tranquilamente até ser hora de me retirar. Deu-me as ultimas mensagens para parentes e amigos. Fallou das necessidades de sua alma n'este momento e recebeu a segurança do Verbo de Deus como só um christão sabe receber.

Depois disse lhe "Adeus" e ella sorrindo-se respondeu: "Ainda nos tornaremos a encontrar."

O capellão militar allemão que esteve com ella no final deu-lhe sepultura Christã e disse-me "Foi corajosa e conservou se animada até ao ultimo momento. Declarou a sua fé christã e disse que sentia prazer em morrer pela patria" Morren como uma heroína.

H. STIRLING T. GAHAN,
Capellão britannico em Bruxellas.

No. 10.

MR. PAGE, embaixador dos Estados Unidos em Londres, a
SIR EDWARD GREY.

O EMBAIXADOR americano apresenta seus cumprimentos ao ministro dos negoeios estrangeiros de sua Magestade e com referencia a nota delle de 18 do corrente tem a honra de incluir uma copia de carta do ministro em Bruxellas com respeito ao enterro de Miss Edith Cavell.

Embaixada americana, Londres,
22 de Outubro de 1915.

(Annexo 1 ao No. 10.)

MR. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, a
MR. PAGE.

Legação americana, Bruxellas,
14 de Outubro de 1915.

MEU CARO COLLEGA,

REFERINDO-ME á minha de hontem com referencia á causa de Miss Cavell, cumpre-me juntar mais correspondencia relativa ao meu pedido para que o corpo della seja entregue á escola de enfermeiras de que ella era directora.

Não recebi resposta por escripto á minha nota ao Barão von der Lancken, sobre o assumpto, mas elle veio ver-me hontem de tarde e declarou-me que o corpo tinha sido sepultado junto á prisao de St. Gilles onde teve logar a execução: e que pelos regulamentos vigentes para estes casos, era impossivel exhumar o corpo sem permissão por escripto, do ministro da guerra em Berlim. Acrescentou que não tinha poderes para pedir

permissão para exhumar o corpo, mas em seguida a que o governador geral regressasse, elle se occuparia do assumpto.

Alimento esperanças de lhe poder dizer que por fim conseguimos prestar este pequeno serviço.

Sou, etc.,

BRAND WHITLOCK.

(Annexo 2 ao No. 10.)

Mr. WHITLOCK, ministro dos Estados Unidos em Bruxellas a
Barão VON DER LANCKEN.

Bruxellas,

12 de Outubro de 1915.

EXCMO. SNR.,

M. FAIDER, primeiro presidente do tribunal de appellação e presidente da escola belga de enfermeiras diplomadas, roga-me em nome desta instituição que peça o corpo de Miss Cavell sua directora que foi executada esta manhã.

A comissão compromette-se na trasladação do corpo e sua sepultura em cemiterio no districto de Bruxellas, a conformar-se com todos os regulamentos que as authoridades allemãs entendam por bem preserever.

Estou certo que não se fará objecção alguma a esta supplica e que o estabelecimento a que Miss Cavell tão generosamente dedicou uma parte de sua vida, não será recusado o comprimento de tão piedoso dever.

Atrevo-me portanto a recomendar a V. Exc. o pedido da escola belga de enfermeiras diplomadas e aguardando a sua resposta.

Sou, etc.,

BRAND WHITLOCK.

O MINISTERIO dos Negocios Estrangeiros em 20 de Novembro
1915 publicou o seguinte:—

Foi averiguado que a nairação na carta de 11 de Outubro do Ministro dos Estados Unidos em Bruxellas ao Embaixador em Londres a effeito que a accusação allemã tinha pedido que fosse pronunciada a pena de morte contra Miss Edith Cavell e mais oito pessoas que se achavam implicadas pelo depoimento d'ella, foi feita devido a informação erronea fornecida á legação dos Estados Unidos, e ao que se pode averignar nenhuma outra pessoa for implicada por tal depoimento.

